

Povos Indigenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: 02

Data 19 de fevereiro de 1977 Pg.: _____

Tucuruí, um marco importante

O presidente Geisel cumpriu exaustivo, mas gratificante, programa durante a viagem que o levou ao vale do Tocantins e daí à Serra de Carajás, a Oriximiná e a Santarém, antes do regresso a Brasília. Se lhe foi penoso assistir, por louvável decisão de sua parte, aos danos materiais e humanos causados às populações ribeirinhas do Tocantins pela enchente, aliás um fenómeno cíclico a que s. exa. promete dar remédio, teve por outro lado a compensação de saber que o projeto Carajás ganha maiores contornos com a descoberta de grandes reservas de cobre e de verificar o adiantamento do projeto Trombetas, para exploração de reservas de bauxita estimadas em bilhões de toneladas. O momento supremo da sua viagem foi, contudo, a explosão das cinco cargas de dinamite que deu simbólico início às obras de construção da Hidrelétrica de Tucuruí, o tão discutido empreendimento que, uma vez concluída a ensecadeira, entra dessa forma na sua segunda etapa construtiva.

Como se sabe, os estudos de viabilidade técnica e econômica, que vinham de governos anteriores, previam a implantação de uma hidrelétrica em Tucuruí, a 350 quilômetros de Belém, que se interligaria com o sistema energético de Boa Esperança e do São Francisco, e de outra em São Félix, 200 quilômetros ao norte de Brasília, para interligação com o sistema de transmissão de Cachoeira Dourada e, através desta, com o sul do País. Em meados de 1974, com o custo estimado do empreendimento em cerca de 1,5 bilhão de dólares, para entrada em operação em 1981, acentuaram-se as dúvidas quanto à sua economicidade, tanto mais que o governo parecia ter optado pela aceleração do Programa Nuclear e fontes da Eletrobrás consideravam mutuamente excludentes essa alternativa e a do aproveitamento do potencial hidráulico da Amazônia.

A caravana, contudo, passou. A Eletronorte, criada em 1973, foi incumbida de dar prosseguimento aos estudos, tomando como base o projeto de construção do complexo da Albrás e também a interligação com o sistema da Chesf. Após uma comparação ponderada das várias possibilidades de aproveitamento hidrelétrico do rio, os técnicos optaram pela utilização da cachoeira de Itabocas, próxima à cidade de Tucuruí, e, em 24 de janeiro findo, o ministro das Minas e Energia presidia, no Rio de Janeiro, à assinatura do respectivo contrato de construção com o grupo Camargo Correia.

O alcance principal do empreendimento reside em que a disponibilidade de energia elétrica, na região Norte do País, permitirá ativar a exploração de uma das maiores reservas conhecidas de bauxita em todo o mundo, quatro bilhões de toneladas já comprovadas, com perspectivas de elevar-se até sete bilhões de toneladas. Progressivamente, será produzida alumina, derivado da bauxita, e, finalmente, alumínio, quer para exportação quer para consumo interno. Por outro lado, o Brasil precisa resolver o problema da carencia de metais não-ferrosos — cobre, zinco e estanho —, e a produção de alumínio em larga escala possibilitaria a importação dos outros metais, pois a cotação do alumínio criaria condições para absorver as repercussões dessa importação na balança de pagamentos. Com uma potencia final de 3.960 mil quilowatts, ao custo provável de 3 bilhões de dólares, a usina de Tucuruí não só fornecerá a energia necessária para a fábrica de alumina-alumínio da Albrás, as minas de ferro e a ferrovia eletrificada do complexo de Carajás, como atenderá ainda às necessidades de energia do Nordeste brasileiro e permitirá sensível economia de óleo, uma vez que Belém deixará de ser abastecida com energia térmica, de custo mais elevado.

Com o mesmo espírito de isenção que nos leva a cumprir o dever de apontar as falhas do governo, temos de aplaudir o presidente Geisel pela clarividência e perseverança do seu governo na implantação do projeto de Tucuruí. Por tudo que a obra representa em termos de mobilização e integração sócio-econômica da Amazônia, de desenvolvimento global do País e, ainda, pelo significado que ela encerra enquanto realização de complexa tecnologia. Realmente, o projeto da Usina

Hidrelétrica de Tucuruí, a maior obra da Amazônia neste século, que só perde em potencial para o gigantesco empreendimento de Itaipu, é excepcional na história da engenharia brasileira. Para que se faça noção da sua complexidade é preciso ter em mente o insólito da geologia da região. Os trabalhos só podem ser realizados durante a metade do ano, quando as chuvas são menos intensas e regulares; na área registram-se quatro tipos de rochas, enquanto as de Minas Gerais, por exemplo, apresentam apenas duas espécies; em Minas ou São Paulo há dois tipos de solo, ao passo que na área de Tucuruí há seis ou sete. Além disso, o Tocantins atinge uma vazão de até 100 mil metros cúbicos por segundo, é extremamente irregular — a enchente vista pela presidente Geisel o prova dramaticamente, com mais de duas mil pessoas desabrigadas — e apresenta um comportamento variável, quase imprevisível.

Nada disso, porém, obsteu a que o projeto chegasse à fase construtiva: são os técnicos da Eletrobrás a afirmar que os levantamentos feitos dão garantia absoluta para a construção da usina. A engenharia nacional está de parabéns e com ela o governo do sr. general Ernesto Geisel. No quadro atual de contradições, improvisações e novas contradições que vêm caracterizando a política energética da administração federal, a decisão de construir Tucuruí assume um valor de exemplo que reputamos transcendente. Pondo de lado os argumentos contrários — alguns poderiam ser válidos se a expansão de fontes geradoras de energia fosse compatível com prazos curtos — e compreendendo que é chegada a hora de iniciarmos, pensando no futuro, o aproveitamento do potencial de 100 milhões de quilowatts existente na Amazônia, s. exa. deu mostras, como dizíamos, de clarividência e perseverança notáveis. Seu governo deixará, em Tucuruí, um marco histórico da nossa economia, da engenharia brasileira, do progresso do País, oportunamente plantado nas matas da Bacia Amazônica.